

## OS IMPULSOS ESTÉTICO DA NATUREZA E OS IMPULSOS PSICOFÍSICO NO HOMEM, APRESENTADO PELO JOVEM NIETZSCHE

### *THE AESTHETIC IMPULSES OF NATURE AND THE PSYCHOPHYSICAL IMPULSES IN MAN, PRESENTED BY YOUNG NIETZSCHE*

Francisco Francimar da Silva Medeiros<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como propósito abordar os impulsos estético na natureza, apolíneo e dionisíacos; e os impulsos psicofísicos no homem, o sonho e a embriaguez, abordado na primeira fase do pensamento de Nietzsche, denominado de pensamento trágico. Pensamento este construído e expressado por meio da arte. Abordaremos o que causa tais impulsos e como eles se relacionam entre si, na construção da realidade física e psíquica. Mostrando assim a conexão perfeita entre suas oposições, que por meio do conflito gera e recicla a vida, o mundo e a realidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Vida. Impulsos. Ilusão

**ABSTRACT:** The present work aims to approach the aesthetic impulses in nature, apolineum and dionysians; and the psychophysical impulses in man, the dream and drunkenness, addressed in the first phase of Nietzsche's thought, called tragic thinking. This thought is constructed and expressed through art. We will discuss what causes such impulses and how they relate to each other in the construction of physical and psychic reality. Thus showing the perfect connection between their oppositions, which through conflict generates and recycles life, the world and reality.

**KEYWORDS:** Life. Impulses. Illusion

### 1- INTRODUÇÃO

Os impulsos estéticos da natureza e os impulsos psicofísicos presente no homem, são dois temas trabalhado pelo filósofo Nietzsche, em sua primeira fase de pensamento, considerado de fase artística, física, ou, naturalista. Os impulsos surgem em seus primeiros textos de juventude, mas ganha maior

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela FAFIC- Cajazeiras-Paraíba, Bacharelado em filosofia na UFCA Juazeiro do Norte-CE. Email: [ffmedeiros18@gmail.com](mailto:ffmedeiros18@gmail.com)

destaque, na obra: *o Nascimento da Tragédia*. Os impulsos são elementos necessário dentro de sua visão ontológica do mundo, nessa primeira fase, onde ainda sofre a influência do pensamento de *Schopenhauer*. Dentro de sua tentativa de explica a manifestação do mundo e da existência, os impulsos se encontram como os únicos capazes de criar forma, individuação, particularidade e multiplicidade. Eles fazem parte daquilo que Nietzsche chamara de “Mães dos Seres”, são eles: o Uno-Primordial, a Vontade e os Impulsos. O Uno Primordial é a vida, de onde tudo se origina. A vontade é esse desejo de manifestação e expansão, próprio da natureza. Os impulsos é a característica de individuação e multiplicação da vida. Desses três somente a vida é em si, os demais são apenas aparências dessa vida primordial, que torna cada vez mais complexa e individual. Então para Nietzsche o mundo e a realidade e todas a multiplicidade existente, são frutos dos impulsos, que tecem e modelam, como artistas, pois são eles os grandes artistas da natureza.

Pretendo focar neste trabalho apenas sobre os impulsos naturais, apolíneo e dionisíaco, e sobre os impulsos psicofísicos do sonho e da embriaguez, comentando um pouco sobre sua origem e como eles geram a multiplicidade por meio do conflito. A pesquisa estar dividida em dois momentos: no primeiro momento, apresentaremos sobre os impulsos estéticos da natureza. Ainda nesse primeiro momento, falaremos sobre as tendências da vida de construir e dar forma e de destruir e recomeçar. Esses movimentos Nietzsche os chamou de apolíneo e dionisíacos, eles são representações da vida, que quer construir e destruir. No segundo momento da pesquisa, abordaremos sobre os impulsos psicofísicos presente no homem, representações dos impulsos apolíneos e dionisíacos da natureza, traduzido para a psique humana, por meio do corpo. Nietzsche os chamou de impulsos do sonho e da embriaguez. O sonho é essa capacidade humana de individualizar, criar, definir, sintetizar. O grande representante do sonho é o intelecto, o grande artista da razão humana. Já a embriaguez é a dimensão agonística presente no homem, que produz caos, sofrimento, dor e agonia. É a força destruidora da ordem e das formas.

## 2- OS IMPULSOS ESTÉTICO DA NATUREZA: O APOLÍNIO E O DIONISIACO

O homem é um ser que experimenta o mundo e a si mesmo através das imagens. É exatamente a capacidade criativa do intelecto que cria uma realidade ordenada, com medidas e com sentido, algo que só existe para nós. Esta realidade é fruto da necessidade de sobrevivência. Esse cosmos dentro nós, esse mundo estável e fixo, pelo qual o homem se apegou, passa a deduzir tudo que se encontrava fora. Definindo o mundo a sua volta por meio de leis e princípios que regem o intelecto, sem saber que tais princípios só existiam nele. Essa é a grande ilusão do intelecto, o grande artista, que nos liberta da determinação da natureza, colocando-nos sobre o enorme e impenetrável véu da ilusão. Com isso podemos perceber que, segundo esta acepção, se justifica que Nietzsche tenha afirmado que “[...]é a arte [...]a atividade propriamente metafísica” (NIETZSCHE, 1992, p. 18)

É o processo artístico, criativo do intelecto que possibilitaria então criar um cosmos em nós, uma realidade e um mundo estável, totalmente oposto ao mundo instável presente fora de nós. Cria-se o movimento do ser, em detrimento do movimento do devir. O conjunto de princípios, ordenamentos e medidas desenvolvido pelo movimento artístico do intelecto, possibilita sentir e entender a nós mesmo, mas principalmente fornecer um ordenamento para nós, do mundo que é totalmente caótico. São esses princípios que possibilitam sentir o mundo e criar uma imagem dele. Então não é o mundo em si que sentimos, entendemos ou comunicamos, mas apenas a imagem produto do intelecto. Isso torna o homem um ser isolado em um “[...] sistema solar próprio[...]” (NIETZSCHE, 1995, p. 55).

Mas o que move o intelecto? O intelecto só cria por que é movido pela força do impulso que aciona sua capacidade. É diante do impulso e da necessidade de sobrevivência que a fábrica de criação de imagens começa a funcionar. “Mas a imaginação é sobretudo poderosa na captação repentina e na elucidação de semelhanças: depois, a reflexão traz as suas medidas e os seus modelos e tenta substituir as analogias por igualdades, as justaposições vistas por causalidades” (NIETZSCHE, 1995, p. 28-29). São as pulsões e a capacidade artística de nosso intelecto que editariam o mundo, segundo a sua imagem, e

não a imagem do mundo. São esses princípios antagônicos a verdadeira “[...]atividade propriamente metafísica do homem[...].” (NIETZSCHE, 1992, p. 18)

Tomamos estas denominações dos gregos, que tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses. Os seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio[...].(NIETZSCHE, 1992, p. 27)

Esses princípios antagônicos apresentados acima foram denominados por Nietzsche de princípios estéticos. Eles receberam o nome de dois deuses da mitologia grega, Apolo e Dionísio. “Apolo, na qualidade de deus dos poderes configuradores[...]Ele, segundo a raiz do nome o “resplendente”, a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia.”(NIETZSCHE, 1992, p. 29). “Dionísio, por sua vez, simboliza o fundo tenebroso e informe, a desmedida, a destruição de toda figura determinada e a transgressão de todos os limites, o êxtase da embriaguez.” (JÚNIOR, 2000, p. 14).

Esses dois deuses do panteão grego, com suas características específicas, marcam profundamente não só a cultura religiosa de seu povo, mas especialmente, a forma de ver o mundo de todo um período. Esta característica de criação e destruição do deus Apolo e Dionísio é marcante na cultura grega e em suas produções artística, seja na poesia, na música e na filosofia. Partindo do pressuposto, que para Nietzsche, toda a produção intelectual é uma produção artística, pois a esses dois “[...]deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que o mundo helênico existe uma enorme contraposição[...].”(NIETZSCHE, 1992, p. 27). O pano de fundo, o fio condutor e a base fundante onde estava posto a cultura grega neste período, segundo Nietzsche, era o conflito entre impulsos opostos, gerando assim o mundo.

O conflito que é expresso na produção cultural da Grécia antiga, manifesta o caráter agonístico existente na natureza, transportando-o assim para o mundo da aparência criado pelos homens. Mostrando a intimidade e proximidade com a vida. Com isso Nietzsche passa a analisar “[...] até que

ponto estavam neles desenvolvidos esses *impulsos artísticos da natureza*[...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 32). Esses impulsos conflitantes que gera a cultura helênica, Nietzsche o chamou de impulsos apolíneos e dionisíacos. Eles não só geram a cultura, mas também regem o mundo natural, possibilitando a criação e destruição das coisas. O homem é um criador de imagens e não um descobridor do mundo, essa ilusão produzida pelo homem é “uma ilusão tal como a que a natureza, para atingir seus propósitos, tão frequentemente emprega. A verdadeira meta é encoberta por uma imagem ilusória[...]”(NIETZSCHE, 1992, p. 38). Tanto o homem quanto a natureza são considerados artistas, pois estão constantemente criando ilusões, sejam elas no mundo natural, ou no mundo psíquico e cultural.

[...]arte e cultura têm como finalidade a transformação desse horror em beleza, em poesia épica e lírica popular, em música e ditirambos, em instituições ético-religiosas e políticas como a obra de arte do Estado grego. As narrativas míticas, em geral, são expressões de uma vivência comum do mundo, fundamentadora da identidade de um povo. Esse é, para Nietzsche, o mistério de Apolo e Dionísio símbolos intuitivos das duas forças ou impulsos fundamentais da natureza, aos quais corresponde a dupla face da experiência grega do mundo. (JÚNIOR, 2000, p. 14)

Com efeito, “quanto mais percebo na natureza aqueles onipotentes impulsos artísticos e neles um poderoso anelo pela aparência [Schein], pela redenção através da aparência[...]” (NIETZSCHE, 1992). Sendo assim, Nietzsche ressalta a presença da unidade vivente sob a forma do “Uno-primordial, o eterno padecente e o pleno de contradição” (NIETZSCHE, 1992, p. 39), É dele que toda vontade, impulsos e formas da natureza tem nele seu reflexo. Esta imagem produto dessa unidade vivente não tem existência em si mesmo, sua existência formal só tem sentido em função do fluxo da vida.

## 2.1- Impulso apolíneo

“O Uno-primordial como uno vivente representa a totalidade da força vital da natureza concebida como único ser vivo não individualizado” (MÁRCIO BENCHIMOL, 2002). Por ser essa força indeterminada totalmente unitária, mas contendo em si toda a possibilidade da determinação e da multiplicidade da

natureza e de tudo que virá depois dela, se encontra totalmente privada da possibilidade de ser existência enquanto ato. Preso e reprimido por sua própria natureza de dor e oposições, já que nele estar contido tudo de forma potencial, que vibra, pulsiona e deseja ser, ganhando forma, expandindo e declinando, o curso próprio de cada potencialidade.

Entretanto ser é o que ele não pode ser, pois não há nada que não seja indeterminado para que ele possa determina-se, esse constitui o seu grande sofrimento, sua grande dor e repressão a si mesmo. Tudo aquilo que é reprimido tende de uma forma ou de outra encontrar saída para sua libertação. O Uno-primordial busca a “redenção através da aparência” (NIETZSCHE, 1992, p. 39). A repressão combinada com a vontade de ser, de se libertar, cria uma enorme tensão em si mesmo, essa tensão força toda a potencialidade criar um reflexo, uma ilusão de si mesmo. Onde pela primeira vez ele pode se ver, e não só sentir. Esse reflexo não é uma cópia fiel de si mesmo, mas uma representação, algo que contem suas contradições revestido de uma forma determinada. Esse reflexo do uno vivente é a primeira manifestação do dionisíaco, como a vontade, “[...]a forma mais geral de si[...]” (CRISTEA, 2016, p. 18).

A vontade é esse reflexo da unidade vivente, o universal, o diferencial, o outro, o múltiplo, frente aquilo que é indeterminado e não indivíduo. Ela é a primeira e única aparência do uno primordial. É dela e somente dela que os impulsos terão sua origem e sua matéria prima para sua construção. O primeiro impulso a surgir da vontade é o impulso apolíneo, promovendo assim a individuação e a esteticidade da natureza. É com o princípio apolíneo que a “[...]vontade se desdobra em uma infinidade de seres[...]” (FERREIRA, 2016) gerando assim a multiplicidade. A vontade por não ter as formas do princípio estético do apolíneo, pelo qual contem e controla o fluxo da vida, traz em si a contradição do uno primordial. A forma pela qual a vontade é e se manifesta é o reflexo da vida, por isso é considerado a forma mais geral dessa unidade vivente, dessa totalidade das forças vivas. “O fenômeno é uma simbolização continua da vontade.” (NF/FP, 1871, 5 [80])<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>. El fenómeno es una simbolización continua de la voluntad. (NF/FP, 1871, 5 [80])



Nuestra realidad es por un lado la de lo Uno primordial, la de aquel que sufre: por otro lado la realidad como representación de aquél. - Aquella autosuperación de la voluntad, aquel renacimiento, etc son posibles, porque la voluntad misma no es otra cosa sino apariencia, y solamente en ella encuentra lo Uno primordial una apariencia. (NF/FP, 1871, 7 [174]<sup>108</sup>)

O princípio apolíneo é, portanto, o mecanismo que a natureza reveste as energias vitais, dando assim forma e individualidade. Tal processo tem a finalidade de criar mecanismos e estruturas, que possibilitem o desmembramento da vontade, aparência mais fiel do Uno primordial. Esse mecanismo é a porta de saída, a válvula de escape que essas forças vitais encontram para se manifestar. É a única força capaz de manifestar existência, já que “a vida não possui qualquer existência a não ser nos indivíduos” (MÁRCIO BENCHIMOL, 2002). É dela que a multiplicidade se dá. A individualidade que surge, por meio do princípio apolíneo, na natureza, é de fato a única coisa existente. Já que tudo o que existe é algo estável, como: “o ser é aquilo que é” ou algo que emergi de alguma coisa. “Portanto, só há a unidade eterna” (NIETZSCHE, 1999, P. 66)

A função principal do princípio apolíneo é poder plasmar, dar forma, modelar o constante e continuo “fluxo borbulhante da vida” (FINK, 1983, p. 23), criando assim individualidade e particularidade. A função de fragmentar a vida, fazendo-a expandir, e poder viver em inúmeras possibilidades, isso cria um mundo novo totalmente limitado, fechado e separado da unidade vivente, criando autonomia, leis e mecanismos de sobrevivência cada vez mais independentes; “Apolo, porém, mais uma vez se nos apresenta como o endeusamento do *principium individuationis*, no qual se realiza, e somente nele, o alvo eternamente visado pelo Uno-primordial[...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 40).

Quanto mais autônomo torna-se, mais distante e separado do uno vivente vai permanecendo, colocando a sua própria existência em cheque. A função da individuação é a manifestação e expansão da vida, e não a manifestação e expansão de si mesmo, enquanto representação. Entretanto assim como a vontade traz em si a contradição, ou seja, o fluxo vital, e busca a redenção por meio dos impulsos, os impulsos, por sua vez, também trazem

em si o informe da existência de uma perspectiva mais livre. Já a individuação da natureza embora traga também o fluxo da vida, mas toda sua particularidade lhe possibilita uma certa autonomia desse fluxo. É exatamente a total e independência das contradições do informe vital que o mundo fenomênico busca por toda a sua existência, mecanismo de redimir, libertar e subtrair o pulsar infórmico. É por isso que sempre buscará se tornar cada vez mais autônomo, por meio da transmutação, no intuito de atingir dimensões cada vez mais universais, com menos ou nenhuma pulsão vital; criando, ou replicando apenas de si mesmo. Uma forma vazia, produzindo mais formas vazias. Isso leva gradativamente a sua própria destruição, fazendo o uno vivente se manifestar por meio de seu segundo princípio, o dionisiaco. “E foi assim que, em toda parte onde o dionisiaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado” (NIETZSCHE, 1992, p. 41)

## 2.2- Impulso dionisiaco

Em: *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche comenta sobre a origem do movimento dionisiaco “[...] da natureza, ser-nos-á dado lançar um olhar à essência do dionisiaco, que é trazido a nós, o mais de perto possível, pela analogia da embriaguez. ” (NIETZSCHE, 1992, p. 30). FERREIRA (2016) comenta que o movimento dionisiaco se desdobra em duas fases diferentes: “Neste primeiro momento, o dionisiaco é vontade, uma forma mais geral de si que tornaria possível o surgimento do mundo fenomênico pela atuação do princípio apolíneo”[...] Para que isso se torne possível surge o segundo momento da redenção, a destruição do princípio de individuação”.

Com isso podemos depreender que desse uno vivente, dessa unidade orgânica, dessa totalidade das forças vivas, o único reflexo dessa unidade vivente é o movimento dionisiaco, que se desdobra na construção da existência; na destruição da mesma e na transmutação de tais impulsos para a psiquê humana, por meio da fisiologia. Com esses impulsos de construção e destruição presentes na natureza, que cria e destrói a existência, possibilitando



assim um eterno conflito, para que a particularidade das formas não se torne estável e petrificada, mas fluida e em constante movimentação, para que ela seja um eterno devir e não um ser. Para Nietzsche esse processo é um grande “fluxo e o ritmo eterno das coisas” (NIETZSCHE, 1995, p. 39).

O impulso dionisíaco e o impulso apolíneo não surgiram de forma simultânea, direto do uno vivente. O primeiro a surgir como aparência dessa unidade orgânica é o dionisíaco, que surge como vontade; “a vontade mesma não é outra coisa senão aparência, e somente nela encontra o Uno primordial uma aparência, ” (NF/FP, 1871, 7 [174]<sup>108</sup>)<sup>3</sup>. Tanto o apolíneo como o dionisíaco não passam de aparências da realidade primordial, com a diferença de que o dionisíaco, como resultado da redenção primordial, tem a função de manter e continuar essa redenção, criando assim mecanismos de construção e expansão da existência, pois só assim estará completo o processo de redenção primordial.

É com o dionisíaco que vida e individualidade se fundem, criando assim uma unidade. Essa fusão entre a vida e individualidade tem um único propósito que é a libertação primordial. Com esse processo de criação e fusão, outras realidades e existências vão surgindo com características cada vez mais independentes. Esse processo fluido passa a ter duas possibilidades, a de afirmar, expandir e libertar a vida; mas também a de negar, restringir romper com a vida.

O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à “Alegria” e se não se refreia a força de imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó, então é possível acercar-se do dionisíaco. (NIETZSCHE, 1992, p. 31)

Entretanto, mesmo com o princípio apolíneo trazendo em si a contradição primordial, e com sua característica estética, bem mais autônoma com relação ao dionisíaco (vontade), tenderá cada vez mais a se distanciar, separar e desvincular da vida presente nele. A luta do princípio estético é pela redenção de si mesmo, enquanto a luta do dionisíaco é pela redenção e manifestação da vida na forma estética e pulsiva. “[...]o contraste entre Apolo

---

<sup>3</sup> porque la voluntad misma no es otra cosa sino apariencia, y solamente en ella encuentra lo Uno primordial una apariencia. (NF/FP, 1871, 7 [174]<sup>108</sup>)

e Dioniso, em que ele vê os poderes fundamentais da realidade do mundo” (FINK, 1983, p. 20).

A função do movimento dionisíaco, como aparência mais geral do uno vivente, administra todo o processo de saída e manifestação da vida até chegar na libertação completa. “[...]como poderes artísticos que, sem a mediação do artista humano, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem imediatamente e por via direta [...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 32). Com isso há o rompimento do processo de libertação, passando assim a recomeçar tudo de novo. A destruição tem a função de restaurar a existência, enquanto forma vazia, sem sentido.

Esse processo de destruição faz parte do longo projeto de transfiguração do uni vivente. É só por meio dele que o último estágio do projeto é concluído. “Nos gregos a "vontade" queria, na transfiguração do gênio e do mundo artístico, contemplar-se a si mesma: para glorificar-se, suas criaturas precisavam sentir-se dignas de glorificação, precisavam rever-se numa esfera superior[...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 38). A destruição por sua vez só acontece devido ao conflito entre os impulsos antagônicos, possibilitando a destruição da criação de novas coisas. O movimento de construção, expansão e destruição é exatamente o projeto da vida, ou seja, o eterno devir sempre constante. Esse é o grande jogo da vida, sem sentido ou propósito só a simples e a brincadeira de construir para destruir, sem nenhuma finalidade de ser. O eterno jogo das aparências opostas, que são opostas não ontologicamente, mas esteticamente.

É, portanto, nesse fluxo constante e no eterno conflito que se dá então “ a encarnação do movimento e da vitalidade do Uno primordial[...]” (FERREIRA, 2016, p. 20). Nietzsche também se refere a tal encarnação: “Se pudéssemos imaginar uma encarnação da dissonância - e que outra coisa é o homem? - tal dissonância precisaria, a fim de poder viver, de uma ilusão magnífica que cobrisse como um véu de beleza a sua própria essência”. (NIETZSCHE, 1992, p. 143).

### 3- OS IMPULSOS ESTÉTICO PSICOFÍSICO: SONHO E EMBRIAGUEZ

Agora a essência da natureza deve expressar-se por via simbólica; um novo mundo de símbolos se faz necessário, todo o simbolismo corporal, não apenas o simbolismo dos lábios, dos semblantes, das palavras, mas o conjunto inteiro, todos os gestos bailantes dos membros em movimentos rítmicos. Então crescem as outras forças simbólicas, as da música, em súbita impetuosidade, na rítmica, na dinâmica e na harmonia. Para captar esse desencadeamento simultâneo de todas as forças simbólicas, o homem já deve ter arribado ao nível de desprendimento de si próprio que deseja exprimir-se simbolicamente naquelas forças [...] (NIETZSCHE, 1992)

Nietzsche está apresentando em sua teoria da aparência, que a realidade nada mais é do que mera aparência, ilusões, manifestação dessa grande unidade orgânica. É essa aparência a responsável pela tradução da unidade orgânica. Como consequência da redenção do uno vivente, através dos impulsos estéticos e volitivos é que o existir passa a ser uma efetivação. Algo foi objetivado, algo foi ejetado para fora. O “pensamento filosófico de Nietzsche nesta época é fazer uma apologia da aparência como necessária à vida e a única via de acesso à essência: uma apologia, portanto, da arte” (MACHADO, 1999a).

Compreendemos assim que o grande projeto do uno vivente era poder se libertar de sua dor e sofrimento, para isso sendo necessário sair de sua condição em si, surgindo assim a existência. Entretanto, as pulsações e as formas, não tinham capacidade de se perceber e nem perceber todo o processo e muito menos contemplar o autor do processo. Por isso que o homem é o próximo estágio e fim último de sua redenção, pois somente pelas instâncias de significação, percepção e contemplação é que esse longo projeto de libertação chega a seu fim último, a seu estágio final, enfim a última polida do espelho foi feita, possibilitando assim o perfeito reflexo.

Ora, o homem se desenvolveu lentamente e o conhecimento continua a se desenvolver: a imagem do mundo se torna, portanto, sempre mais verdadeira e completa. Naturalmente, não passa de um reflexo de espelho, um reflexo sempre mais claro. O próprio espelho não é totalmente estranho nem sem relação com a essência das coisas, mas ele também nasceu lentamente, enquanto igualmente essência das coisas. Vemos um esforço para tornar o espelho cada vez mais adequado[...] (NIETZSCHE, 2007, § 102)

Para que o homem seja parte do processo, faz necessário sua construção sobre as bases da vontade orgânica e conseqüentemente dos princípios estéticos da natureza. Assim como na natureza a vontade é a geradora de aparências estéticas e pulsivas, no homem “[...] o aparente é o corpo[...]”<sup>4</sup> (NF/FP, 1870 - 1871, 7[168]), é nele que a natureza se manifesta e sintetiza seu projeto e sua vontade. É nele que a aparência antagônica dos princípios estéticos apolíneo e dionisíaco transmuta, trazendo em si sua essência conflitante e antagônica, mas se apresentado de forma diferente, mediante o grau de individualidade. O corpo será o fio, a base, o contorno pelo qual a natureza se expressa, e pelo qual o homem cria. Sobre isso comenta Barrenechea: “O corpo deve ser, na sua ótica, o fio condutor para a compreensão do humano, para interpretar todas as questões, desde as premências vitais, do dia-a-dia, até as ideias consideradas como as mais elevadas, mais complexas da reflexão filosófica.” (BARRENECHEA, 2011)

O corpo como produto desta vontade primitiva e natural, como manifestação dela, traz assim tanto a capacidade estética da natureza, adaptando a individualidade do ser humano; quanto a sua pulsão, que se manifesta dentro das condições do corpo humano. O corpo como aparência desta vontade natural, como portadora do pulsar da natureza presente nele, possibilita por sua vez a manifestação de formas que garantam tanto a preservação da nova individualidade, no intuito de dar procedimento ao projeto de redenção, como a natureza. As pulsões que o corpo traz são as forças capazes de impulsionar a criação de formas que possa revesti-lo. Elas impulsionam a criação de existência, imagens e realidades, “O substancial é a sensação, o aparente é o corpo, a matéria.” (NF/FP, 1871, 7[168])<sup>5</sup>

Os impulsos ou os instintos<sup>6</sup> são apresentados por Nietzsche como esta força que tanto impulsiona para a individuação, quanto move os indivíduos na

<sup>4</sup> “[...] Lo aparente es el cuerpo[...]” (NF/FP, 1870 – 1871, 7[168])

<sup>5</sup> Lo sustancial es la sensación, lo aparente es el cuerpo, la materia. (NF/FP, 1871, 7[168])

<sup>6</sup> “Já de início, no primeiro uso público e oficial que faz da palavra instinto, Nietzsche utiliza simultaneamente os termos Instinkt (instinto) e Trieb (impulso) com sentidos distintos para apresentar o conceito e origem da filologia. Primeiro usa Instinkt no sentido de uma faculdade fundamental, quando faz referência —ao instinto mais profundo do ser humano, o instinto linguístico como objeto de estudo da filologia enquanto ciência natural e logo em seguida faz uso de Trieb com sentido de —impulsos [Triebe] inteiramente diversos, o científico e o estético que foram se reunindo para formar a filologia. A princípio,

produção de imagens, conceitos e pensamento consciente. “[...]com a palavra «instinto» crer que explica algo e transfere ao devir primordial das coisas as ações teleológicas inconscientes” (NF/ FP, 1873, 19[118])<sup>7</sup>. É essa “[...] *força inconsciente constitutiva de formas que se revela na procriação e aqui se ativa um impulso artístico*” (NF/ FP, 1872, 16[13])<sup>8</sup>. Lembrando que não é o instinto que cria, mas o intelecto, como o artista por natureza; o instinto apenas ativa, aciona o despertar de tal mecanismo.

Então temos os instintos que “se apresentam em feixes: o que predomina neles é uma diversidade fervilhante [...]distinguem-se os dois eixos maiores de sua genealogia: científico, de um lado, ético-estético, de outro” (ASSOUN, 1991, p. 95). Vemos com isso que o corpo como sede dos instintos, apresentado por (MACHADO, 1999) há uma infinidades deles que se conflitam e criam novos impulsos. A função dos instintos é então a manutenção, preservação e efetivação da vida.

### 3.1- O impulso apolíneo do sonho

É no sonho que Nietzsche vem a considerar nossa capacidade de simbolizar, de criar uma imagem, que possa dar conta e traduzir as pulsões que chegam aos sentidos. “O sonho - o modelo da natureza para as artes figurativas.” (NF/ FP, 1870, 3[58])<sup>9</sup>. Sendo assim, os sonhos teriam um caráter latente, vibrante e perturbador, provocando no ser humano uma sensação de “[...]”

---

para designar o sentido da palavra instinto Nietzsche utiliza o termo *Trieb* no sentido de uma aglomeração de instintos.” (NETO, 2017, p. 23). “[...] o emprego de *instinkt* para designar uma faculdade fundamental: ao invés dos pequenos demônios que animam as atividades, refere-se aqui a um motor fundamental. [...]. O *Trieb* é associado a uma força que age subterraneamente no inconsciente dos povos.” (ASSOUN, 1991, p. 96-97)

<sup>7</sup> con la palabra «instinto» cree que explica algo y transfere al devenir primordial de las cosas las acciones teleológicas inconscientes.” (NF/ FP, 1873, 19[118])

<sup>8</sup> *fuera inconsciente constitutiva de formas se revela en la procreacion aqui se activa un impulso artístico*” (NF/ FP, 1872, 16[13])

<sup>9</sup> “El sueño - el modelo de la naturaleza para las artes figurativas.” (NF/ FP, 1870, 3[58])

êxtases (embriaguez) [...]” (NF/ FP, 1870, 3[58]). Todo o processo artístico ou do sonho teria como fim a manifestação da vida, e sua transfiguração.

Ao analisar a cultura grega, Nietzsche percebe que o “mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio[...].” (NIETZSCHE, 1992, p. 27). É exatamente esta manifestação pela arte que a produção de imagens no homem é possível, configurando assim o sonho, como realidade figurativa e plasmadora dos impulsos, reflexo das pulsões de vida. Aqui não temos só uma aparência, como vemos na natureza, mas uma aparência simbólica, representativa. Então “[...]neste caso o sonho deve agora valer para nós como a aparência da aparência[...].” (NIETZSCHE, 1992, p. 39), tendo em vista que a natureza já é a aparência dessa força orgânica que originou, mantém e move o mundo natural com suas leis e princípios. Nosso corpo e nossos instintos são portanto produtos dessa aparência natural, trazemos em nós a marca da natureza.

A aparência do sonho tem sua formalização por meio da estrutura fisiológica do corpo, manifestando através dos impulsos. Ela é clara transmutação dos princípios artísticos da natureza, que cria individualidade, particularizando assim as pulsões naturais; para uma nova espécie de individualidade que não cria só imagens, mas especialmente sua simbolização. Então o sonho é uma aparência de um impulso artístico, que assim como a natureza, particulariza as coisas, criando realidade. Com isso podemos afirmar que “[...]diante das almas humanas, as esplendorosas figuras divinas; em sonho foi que o grande plasmador [*Bildner*] viu a fascinante estrutura corporal de seres super-humanos[...].” (NIETZSCHE, 1992)

Entretanto a atividade plasmante dele assume uma característica bela, mas como afirma: (MACHADO, 1999, p. 19): “Não é pelo Belo que as coisas belas são belas.” Nem o plasmador e nem o objeto plasmado tem a noção de que algo é belo. A beleza constitui uma característica de percepção mediante determinada medida e a sensação de prazer e desprazer que provoca no sujeito. “A bela aparência do mundo do sonho, [...], constitui a precondição de toda arte plástica [...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 28).



A produção de imagens, provinda do sonho, consegue fazer a tradução dos impulsos e representá-los no mundo simbólico, mas não consegue se desligar da imagem e muito menos entender a representação ou atribuir algum valor a tal imagem produzida. Identificar a imagem como bela ou feia, prazerosa ou desprazerosa, boa ou ruim, alta ou baixa; é a função do “ato de ver as formas” (NIETZSCHE, 2007), e estaria atrelada a uma percepção sensível

As imagens agradáveis e amistosas não são as únicas que o sujeito experimenta dentro de si com aquela onicompreensão, mas outrossim as sérias, sombrias, tristes, escuras, as súbitas inibições, as zombarias do acaso, as inquietas expectativas, em suma, toda a “divina comédia” da vida, com o seu Inferno, desfila à sua frente[...] (NIETZSCHE, 1992, p. 29)

Sem esta instância perceptiva não haveria a distinção de impulsos, apenas a produção deles. Por outro lado, com a percepção não só há uma distinção e conhecimento dos impulsos, mas a vivência com os horrores presente nos impulsos, por meio das imagens traduzidas. Mesmo com o caos, o sofrimento e o horror a sua frente, transformando seu interior em um inferno, essas experiências não conseguem subjugar as formas da percepção condenando ao eterno caos das sensações. Desse modo, “toda percepção visa a uma imitação múltipla da excitação, mas com transposição para terrenos variados.” (NIETZSCHE, 2007, p. § 148). Com surgimento da ação perceptiva das aparências, surge algo além das aparências, tendo em vista que todo aparente é formado de algo similar às formas naturais, com algumas particularidades, no caso do ser humano. Entretanto a percepção não é algo natural, mas algo que extrapola o natural, está para além da natureza. No “interior do homem também soa algo de sobrenatural[...].” (NIETZSCHE, 1992, p. 31)

Vale aqui ponderar que a experiência que o homem tem é com as imagens, ilusões e símbolos, nunca com as coisas como de fato são. Com isso, a ilusão e a aparência nos dão uma sensação de prazer e conforto. Tudo aquilo que é belo, harmônico e lógico exerce um fascínio sobre o ser humano, pois estas imagens provocam um prazer enorme, mediante suas formas perfeitas; conduzindo à satisfação tais como as formas do sonho. Sonhar não é uma

escolha, mas uma necessidade, “[...]neste caso o sonho deve agora valer para nós como a aparência da aparência[...].” (NIETZSCHE, 1992, p. 39)

seus sonhos possuíam uma causalidade lógica de linhas e de contornos, de cores e de grupos, uma seqüência de cenas semelhantes a seus melhores baixos-relevos, cuja perfeição nos autorizaria certamente, se tal comparação fosse permitida, a caracterizar os gregos sonhadores como Homeros e Homero como um grego sonhador: isso em um sentido mais profundo do que ocorre com o homem moderno, quando ele ousa, com respeito a seus sonhos, comparar-se a Shakespeare. (NIETZSCHE, 1992, p. 33)

Os sonhos transfiguram os impulsos, e por meio disso se cria outras realidades possíveis.

Se imaginarmos o sonhador quando ele, em meio da ilusão do mundo onírico e sem perturbá-la, se põe a clamar: "Isto é um sonho, mas quero continuar sonhando!", se daí tivermos de concluir que há um profundo prazer interior na contemplação do sonho, se, de outro lado, para podermos sonhar com esse prazer íntimo diante da visão, tivermos de esquecer inteiramente o dia e suas terríveis importunações, poderemos então interpretar todos esses fenômenos, sob a direção de Apolo oniromante[...] (NIETZSCHE, 1992, p. 39)

### 3.2- O impulso dionisiaco da embriaguez

As duas experiências mais delirantes, narcóticas e deliciosas na relação homem-mundo, são apontadas por Nietzsche na contemplação do belo e o gozo pelas formas. Nesses “estados o homem alcança o sentimento de delícia da existência, a saber, no sonho e na embriaguez. A bela aparência do mundo onírico, no qual cada homem é um artista completo[...]. Gozamos no entendimento imediato da figura, todas as formas nos falam; nada há de indiferente e desnecessário.” (NIETZSCHE, 2005, § 1°). O homem experimenta o mundo e a si mesmo por meio desse eterno jogo de prazer e contemplação

A embriaguez é vista como “manifestações fisiológicas” (NIETZSCHE, 1992), manifestadas no corpo humano, como reflexo dos impulsos artísticos da natureza: Apolíneo e dionisiaco. Em (FINK, 1983) ao comentar o conceito de embriaguez em Nietzsche diz: “A embriaguez é a torrente cósmica, um delírio báquico que destrói, despedaça, reabsorve todas as formas que suprime tudo, o que é finito e individual. É o grande ímpeto de vida”. Temos que entender que assim como o processo do sonho é fruto de todo o mecanismo orgânico do

corpo, resultando na produção de imagens simbólicas das pulsões; os prazeres, gozos e sensações também são produtos das várias relações de impulsos que se chocam no corpo.

Sólo existe la voluntad única: el hombre es una representación que nace a cada momento. ¿Qué es el carácter firme? Una actividad de la voluntad que intuye, se dice de la aptitud de un carácter para ser formado. Y de este modo, nuestro pensamiento es sólo una imagen del intelecto primordial, es un pensamiento que surge por la intuición de la voluntad única, la cual se piensa a sí misma pensando la figura que aparece en su visión. Intuimos el pensamiento como el cuerpo - porque nosotros somos voluntad. (NF/ FP, 1871, 7[175])

Esse “ímpeto de vida” apresentado por (FINK, 1983) diz sobre essa força intempestiva, intensiva e violenta presente na natureza que se manifesta nos indivíduos, e que força a se expressar por meio das formas; que provoca delírio, prazer, caos e destruição tanto na natureza, quanto no interior do ser humano. É essa força que força a existência acontecer, ela é a geradora das formas. No entanto, podemos perceber que os impulsos não estão submetidas às formas, mas são as formas que foram criadas pela pulsão e estão totalmente submetidas às suas determinações, pois aqui temos a submissão de impulsos por impulsos. O mecanismo de destruição da natureza que rompe com todo o processo de individuação e particularização, teria como finalidade reconectar as formas com os impulsos naturais, e conseqüentemente com a própria natureza. O dionisíaco na natureza executa então esse mecanismo de destruição. Com isso “[...]à essência do dionisíaco, que é trazido a nós, o mais de perto possível, pela analogia da embriaguez.” (NIETZSCHE, 1992, p. 30).

Então o que é a embriaguez? “[...]Ela é encarada como qualquer coisa de humano, como aquele estado de êxtase onde 'temos o sentimento da queda de todas as barreiras, de sairmos de nós próprios, de nos tornarmos um com o todo, de desaguarmos, de mergulharmos no oceano infinito.” (FINK, 1983, p. 5). Nós somos constituídos por todas aquelas imagens que são traduzidas das várias experiências que temos com o mundo físico. Também faz parte de nossa constituição aquelas imagens traduzidas de nossos impulsos e instintos, elo que nos conecta à natureza, a marca da natureza em nós. Por isso “ressoa o grito

de terror, o anelante soar do lamento por uma perda (Verlust) irreparável.” (NIETZSHE, 2005, p. § 1°).

“A embriaguez é a torrente cósmica, um delírio báquico que destrói, despedaça, reabsorve todas as formas[...]” (FINK, 1983, p. 25), é uma força que provoca êxtase e excitação, rompendo com qualquer mecanismo de ordem, percepção e capacidade de raciocinar sobre os fatos. Provoca o sentimento de terror, sofrimento, angústia e agonia, levando o homem experimentar o absurdo caos da existência. O delírio, o êxtase e o terror destrói e despedaça toda e qualquer forma de imagem presente no interior do ser. Isso rompe e destrói com todo o chão, no qual a percepção está alicerçada.

Na embriaguez há um verdadeiro esquecimento de si, pois o que constitui o si do ser humano são todas as imagens e conceitos que construímos ao longo do tempo. O sujeito é despencado e jogado ao caos primordial, antes mesmo de todo o processo de individuação; lá ele experimenta absoluto desolamento, sem sentido, ordem, significado, ou qualquer tipo de percepção ou consciência. Enfim ele se tornou um com o todo e “a natureza celebra a sua festa de reconciliação com o homem.” (NIETZSHE, 2005, § 1°).

Vimos com isso que a vontade emite duas grandes ondas de existência: a primeira é a onda de criação, se dando pela combinação dos dois princípios estéticos, apolíneo e dionisíaco (impulsos e forma). A segunda onda emitida pela vontade é a destruição; ela é a pura aparência do caos, sem formas para conter e nenhuma submissão que impeça sua força destrutiva. Sua função é destruir as formas individuais. Com isso temos “um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual” (NIETZSCHE, 2008, § VII).

Segundo Nietzsche, o mesmo fenômeno dionisíaco «que na construção e na destruição ininterruptas do mundo da individuação nos faz sentir a força profusa de um prazer primitivo; assim Heráclito, o Obscuro, compara a força criadora do mundo a uma criança que junta pedras ao acaso e ergue, a brincar, monte» de areia e novamente os desfaz (FINK, 1983, p. 31)

Esse jogo de criação e destruição entre os impulsos e as formas é o que possibilita a existência artística. “Neste mundo, só o jogo do artista e da criança

tem um vir à existência e um perecer, um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual.” (NIETZSCHE, 2008, §. VII). Esse grande espetáculo da existência produz construções e destruições, provocando o surgimento de novos mundos e a destruição de velhos mundos; “o jogo é, portanto, sempre luta, contenda, uma luta por algo e, como tal, é, assim, uma representação. E a luta é o lugar onde se espalham as diferenças e onde se abre o campo dos significados” (GUERVÓS, 2011).

Os personagens desse jogo são os princípios apolíneo e dionisíaco, com eles a existência se dá por meio da multiplicação de individualidades, que ganham cada vez mais particularidades, por meio de sua expansão. A embriaguez faz parte desse jogo da dimensão simbólica que destrói os mundos presentes no interior do homem no intuito de reconcilia-lo à natureza e suas pulsões. Ele faz parte do jogo entre a natureza e o homem, onde destrói percepções isoladas e reconstrói percepções novas. Como destruidora ela é o símbolo fiel e eficaz do princípio dionisíaco natural. Como símbolo e representação do princípio dionisíaco ele consegue “[...]penetrar nos mais íntimos pensamentos da natureza, conhece a terrível pulsão (Trieb)[.]” (NIETZSCHE, 2005, §. 2°).

A embriaguez do sofrer e o belo sonho têm seus diferentes mundos divinos: a primeira, na onipotência de sua essência, penetra nos mais íntimos pensamentos da natureza, conhece a terrível pulsão (Trieb) para a existência e ao mesmo tempo a contínua morte de tudo o que chegou à existência; os deuses que ela engendra são bons e maus, assemelham-se ao acaso, assustam com os seus planos que emergem subitamente, não têm compaixão nem o prazer no belo. Eles são aparentados à verdade e aproximam-se do conceito: rara e dificilmente condensam-se em figuras. Contemplá-los pode petrificar: como se deve viver com eles? Mas não se deve: esta é a sua lição. (NIETZSCHE, 2005, §. 2°).

A embriaguez e o dionisíaco, na visão de Nietzsche, apresentam então essa unidade intrínseca entre o homem e a natureza, por meio das forças naturais e dos instintos e impulsos. A embriaguez marca então todo esse processo de manifestação, desenvolvimento, expansão e efetivação da aparência, que se desdobra desde a vontade sem forma, da natureza, até a mais complexa subjetividade, onde a forma desperta, de seu sono. Com isso

podemos perceber, ao longo desse processo, a presença da dimensão do Uno-Primordial, em que emerge a existência, não como algo planejado, mas como uma necessidade de expansão. Então o que é o Uno-Primordial?

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a teoria dos impulsos, trabalhado como pensamento filosófico e da forma como Nietzsche desenvolve, nos mostra uma nova visão de mundo, tendo a vida e seus processos de efetivação e individuação, como os elementos essenciais e a causa última da existência. O caos, a agonia, o conflito e aparência, torna-se as bases da realidade, do belo, do ordenado, do esteticamente perfeito. Mostrando que todo ordenamento, os princípios e as leis naturais e psicológicas, são frutos dos caóticos e desordenados impulsos, e não de superestruturas perfeitas. Criamos a ilusão da ordem, para assim conseguimos viver no caos do mundo.

A vida e seu impulso que foi tão deixado de lado pelo pensamento filosófico, por se tratar de meras ilusões, Nietzsche traz para o discurso filosófico, no intuito de podermos pensar sobre as pulsões vitais que nos toca, destrói e nos coloca em agonia, e do qual não eram postos em discussão. Eles não são pensados, mas colocados com princípios da existência, artífice da realidade. Pensarmos os impulsos como produto da vida, que expande e torna mais rebuscada, mas complexa, até chegar as leis e princípios que rege o mundo e o sistema racional do homem, nos mostra uma realidade conectada, vibrante, e que estar em constante movimentação. Diferente da realidade apresentada pelas ideias da filosofia clássica e moderna, onde ela se apresentava como algo separado, rígido, fixo, seco, frio e vazio. Para Nietzsche a realidade não estar vazia, ela não é oca, mas estar repleta de vida, exceto as ideias abstratas, por isso elas são constantemente atacadas e destruídas pela agonia e o caos da vida. Toda existência sem vida, perdeu o seu propósito existencial, que é manifestar vida.



## 5- REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

- ASSOUN, P.-L. **Freud & nietzsche**. 2° Edição ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- AMUSQUIVAR JÚNIOR, N. P.. **A Filosofia Grega Entre O Pessimismo e o Trágico: uma polêmica na interpretação de nietzsche sobre anaximandro e heráclito**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2015.
- BARRENECHEA, M. A. DE. **Nietzsche : Corpo e Subjetividade**. O percevejo, v. 03, 2011.
- BRANDÃO, J. DE S. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- CARVALHO, D. F. **Nietzsche Como Filósofo Naturalista**. [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, 2018.
- CAVALCANTI, A. H. **Símbolo e Alegoria - a gênese da concepção de linguagem em Nietzsche**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- CORTEZ, R. DA R. Ontologia e antropomorfismo. **Revista Estudos Nietzsche**, v. 10, p. 50-77, 2019.
- ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FERREIRA, R. C. J. **O Uno Primordial e o Vir a Ser: O Poder, a Alegria e a Força da Vida que Irrompe da Natureza**. Universidade Federal de Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 10, 2016.
- FINK, E. **A Filosofia de Nietzsche**. Lisboa: editorial presença, 1983.
- GIACÓIA JÚNIOR, O.. **Nietzsche**. São Paulo: publifolha, 2000.
- GUERVÓS, L. E. DE S. **A Dimensão Estética do Jogo na Filosofia de F . Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, v. 28, p. 49-72, 2011.
- HAUBERT, L. E. **Breves Comentários Sobre Metáfora (Übertragung) e Linguagem no Jovem Nietzsche**. Revista Article, v. 4, n. October, p. 1-14, 2017.
- MARTON, S. **Por Uma Genealogia Da Verdade**. Revista Discurso, , 1978. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1978.37847>>
- MACHADO, R. **Roberto Machado Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Editora

Paz e Terra, 1999b. v. 22

MÁRCIO BENCHIMOL. **Apolo e Dionísio, Arte, Filosofia e Crítica da Cultura no Primeiro Nietzsche**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

MENDONÇA, Adriany Ferreira de. **A invenção da metafísica a partir da arte: perspectivas nietzschianas**. Coleção X. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020

MÜLLER-LAUTER, W. **A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**. 2° Edição ed. São Paulo: Annablume, 1997. v. 53

NETO, E. S. P. **Nietzsche : O Corpo Como Expressão da Vida Enquanto Fio Condutor da Vontade de Poder**. [s.l.] Universidade Federal da Paraíba, 2017.

NIETZSCHE, F. **Livro Do Filósofo**. São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE., F. **Sobre Verdade e Mentira**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo**. 2° edição ed. [s.l.] Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **Escrito sobre retórica**. Madrid: Editora Trotta, 2000.

NIETZSCHE, F. W. **A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos**, tradução de Maria Inês Madeira de Andrade; revisão de Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa: Edições 70, 1995.

NIETZSCHE, F. **El Caminante y su Sombra**. Madrid: Lectulandia, 2016.

NIETZSCHE, F. **A Visão Dionisiaca do Mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos Póstumos (1869 - 1874)**. Madrid - Espanha: EDITORIAL TECNOS, 2010.

NIETZSCHE, F. W. **Correspondencia II (Abril 1869- Diciembre 1874)**. Madrid: Editorial Trotta, 2007b.

PAULA JÚNIOR, H. O.. **A Dimensão Dionisiaca do Uno-primordial nos Primeiros Escritos de Nietzsche a Dimensão Dionisiaca do Uno-primordial**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica do Paraná programa, 2006.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média/ Giovanni Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: editora Paulus, 1990.**

SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo**. São Paulo: Coleção Universitaria, 1979. v. 70

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representante**, 1<sup>o</sup> tomo;  
tradução de Jair Barbosa . - São Paulo: Editora UNESP, 2005

Recebido em: 08/2021  
Aprovado em: 09/2021

